

**TATIANA VARGAS**

tatianavargas.mail@gmail.com

**Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade  
(CECS), Universidade do Minho, Portugal**

## **PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS NO ÂMBITO DA INICIATIVA COMUNITÁRIA “AVEIRO EM TRANSIÇÃO”**

### **RESUMO**

Este capítulo apresenta a iniciativa “Aveiro em Transição” e busca promover a discussão sobre a relação entre as inúmeras possibilidades de práticas ambientalmente sustentáveis e os modos de vida que procuram equilibrar trabalho, ócio, consumo consciente e experiências de reflexão sobre si e a comunidade em que se vive. Através deste capítulo, é possível perceber que a iniciativa estudada desenvolve uma mobilização local com o intuito de gerar efeitos principalmente em relação à consciência e educação ambiental, o que, de acordo com a visão dos seus participantes, se reflete na construção de modos de vida sustentáveis, saudáveis e potencialmente mais felizes.

### **PALAVRAS-CHAVE**

práticas sustentáveis; ócio; ambiente; consumo consciente; Aveiro em Transição

---

### **INTRODUÇÃO**

O objetivo central deste capítulo é apresentar a iniciativa “Aveiro em Transição” e dar exemplos das práticas sustentáveis sugeridas pela mesma. A partir do reconhecimento destas práticas, o capítulo propõe reflexões sobre como elas conduzem a um modo de vida menos pautado pelo consumo que, por sua vez, pode contemplar experiências de reflexão sobre o sentido da vida e da comunidade, assim como sobre a relação humana com o meio

ambiente. Com isto, pretende-se estimular a discussão sobre as questões ou problemáticas ambientais globais, tais como as alterações climáticas e o uso excessivo de combustíveis fósseis que desencadeou o chamado pico do petróleo. Esta discussão é principalmente evocada por meio da criação de soluções e práticas sustentáveis no âmbito das comunidades.

“Aveiro em Transição” é apresentada através de seus seis grupos de trabalho: “Famílias em transição Aveiro”, “Educação livre Aveiro”, “Oficinas de partilha de saberes”, “Alimentação e ambiente”, “Ciclaveiro” (grupo de mobilidade) e “Economia – AeT”. Por fim, este capítulo realiza a discussão dos dados obtidos durante o processo de investigação à luz de teorias e reflexões voltadas para as experiências de ócio, assim como para a construção de modos de vida que valorizam a reflexão sobre fruição do tempo, consumo consciente e sustentabilidade ambiental.

## A INICIATIVA COMUNITÁRIA “AVEIRO EM TRANSIÇÃO”

“Aveiro em Transição” é uma iniciativa comunitária que sugere a construção de comunidades mais resilientes, solidárias, sustentáveis e felizes em decorrência de práticas que contrariam os processos de produção e consumo dominados pelos sistemas industriais e mercadológicos globais. Esta iniciativa local segue princípios do movimento internacional “Transition” ou “Transition Towns”, tal como ficou conhecido, após ter sido fundado por Rob Hopkins, em Totnes, na Inglaterra. O “Movimento de Transição” surge como forma de fazer frente às questões ambientais, nomeadamente ao pico do petróleo e às consequências das alterações climáticas (Hopkins & Lipman, 2009; Mason & Whitehead, 2011) e pretende a implantação de práticas sustentáveis realizadas pelas comunidades. Propõe o desenvolvimento de comunidades mais resilientes, isto é, resistentes e mais autónomas em relação ao uso de combustíveis fósseis (Hopkins, 2011), principalmente o petróleo. Almeja-se, portanto, limitar ou eliminar a utilização de fontes de energia que emitem carbono, de modo a reduzir a emissão de gases com efeito estufa.

Através do trabalho etnográfico realizado no âmbito da investigação “Ócio e ambiente: subjetividades e práticas na iniciativa comunitária Aveiro em Transição”<sup>1</sup> foram identificados alguns dos desafios locais sobre os quais a iniciativa “Aveiro em Transição” procura refletir e agir. São eles:

---

<sup>1</sup> Investigação realizada para o Programa Doutoral em Estudos Culturais em seu período de colaboração entre a Universidade de Aveiro e a Universidade do Minho sob a orientação da Professora Anabela Carvalho (Universidade do Minho, Portugal) e do Professor José Clerton de Oliveira Martins (Universidade de Fortaleza, Brasil).

- garantir aos cidadãos a possibilidade de usar transportes alternativos e sustentáveis, de forma segura e eficaz, dentro da localidade;
- estimular a aprendizagem de agricultura biológica de subsistência, bem como o desenvolvimento do conhecimento, por parte da população, sobre alimentação saudável e seus efeitos para a saúde;
- criar uma rede de apoio, no sentido de abordar questões familiares e emocionais relacionadas, por exemplo, com as experiências com partos, desafios na gestão familiar, deficiências ou discordâncias em relação ao ensino formal proporcionado pelas escolas e, também, com a influência social na educação dos filhos, especialmente no que respeita à educação para a sustentabilidade e solidariedade;
- desenvolver competências e proporcionar formação aos integrantes do grupo e à comunidade local, no sentido do desenvolvimento de práticas quotidianas sustentáveis. O intuito é que os participantes da iniciativa estejam aptos, por exemplo, a saber confeccionar e reaproveitar alimentos, construir utensílios diversificados com o menor impacto ambiental possível, reaproveitar materiais diversos, consertar objetos, e estarem abertos a toda a prática consciente, saudável e sustentável.
- criar uma rede de trocas (objetos e serviços) que estimule o consumo consciente e sustentável e estreite a relação entre produtores locais e consumidores.

Sobre a importância deste tipo de iniciativas socioambientais, é fundamental compreendermos que a dependência em relação ao petróleo torna a sociedade vulnerável, face à exaustão das fontes de combustíveis fósseis e aos efeitos ambientais provocados pela sua busca e consumo incessantes (Heinberg, 2008). Nesse sentido, uma das principais características do “Movimento de Transição” seria o envolvimento em ações de consciencialização e aprendizagem sobre modos de produção e consumo que procurem reduzir o gasto de energia e o uso dos combustíveis fósseis (Haxeltine & Seyfang, 2009). Nesta linha, é fulcral disseminar um discurso de colaboração entre as pessoas, as comunidades, as empresas, as associações e as instituições locais. Isto pode ocorrer através do diálogo com as autarquias locais, da reivindicação de medidas em prol da sustentabilidade ambiental (e do território) e da promoção de políticas públicas que se realizem em conjunto com as comunidades.

A iniciativa local “Aveiro em Transição” organiza-se em seis grupos ou núcleos de trabalho, conforme Tabela 1 abaixo, que contempla os objetivos e exemplos de atividades já realizadas.

NÚCLEO DE TRABALHO	OBJETIVOS	EXEMPLOS DE ATIVIDADES JÁ REALIZADAS
1. Famílias em transição	Reunir famílias através de laços de partilha e amizade num estilo de vida simples e feliz, com menos consumo de produtos globalizados e mais senso de colaboração entre os cidadãos. Construir uma rede de suporte ao equilíbrio, apoio e qualidade de vida das famílias.	Piqueniques temáticos sobre: como educar filhos para a solidariedade, como inculcar hábitos alimentares saudáveis nos filhos, como lidar com as opiniões e interferências externas no âmbito familiar, partilha de experiências sobre partos.
2. Oficinas de partilha de saberes	Realizar oficinas dedicadas à aprendizagem de saberes práticos sobre temas variados como alimentação, agricultura, parentalidade e bem-estar geral. Todos os interessados podem partilhar os seus saberes, assim como usufruir dos saberes repassados nas oficinas.	Oficinas sobre tricô, cosméticos naturais, exercícios de respiração, detergentes biológicos, alimentação sem origem animal, manutenção de bicicletas.
3. Economia – AeT	Refletir sobre diferentes formas de organização que sejam promotoras de relações mais harmoniosas. A reflexão parte de exemplos teóricos e práticos de modo a estimular ações que relacionem as dimensões social, económica e ambiental.	Tertúlia sobre como criar uma rede solidária de troca (com planeamento da criação da rede solidária de troca de Aveiro). A rede promove encontros quinzenais e procura realizar parcerias com instituições e projetos locais.
4. Alimentação e ambiente	Contribuir para a consciencialização sobre o impacto das práticas da produção alimentar na saúde e no equilíbrio do ecossistema.	Realização de tertúlias e espaços de discussão; apoio a projetos locais voltados a estimular hábitos alimentares saudáveis; “Ajudadas de Aveiro”, participação nas edições 2015 e 2016 da iniciativa “Food revolution day” e projeto “Aveiro soup”.
4. Educação livre Aveiro	Discutir e partilhar informações sobre modos e projetos alternativos de educação.	Palestra “Liberdade para aprender” – com Professor José Pacheco; tertúlia sobre comunidade de aprendizagem; encontros de <i>brainstorming</i> sobre projetos e comunidades de aprendizagem.
5. Mobilidade: ciclaveiro	Promover consciência e ação para a mobilidade urbana sustentável em Aveiro, especialmente através do uso de bicicletas.	Mapeamento da cidade em relação às condições gerais de uso de bicicletas; participação na revisão do Plano Diretor Municipal de Aveiro através da criação do documento <i>Para uma mobilidade ciclável e sustentável</i> ; organização de passeios de bicicletas para crianças e adultos; oferta de bicicletas usadas ou recicladas a pessoas ou instituições com baixos recursos.

Tabela 1: Núcleos de trabalho “Aveiro em Transição”<sup>2</sup>

<sup>2</sup> “Food revolution day” (referido no tópico sobre o grupo de trabalho “Alimentação e ambiente”) é um movimento impulsionado pelo chef e ativista Jamie Oliver que tem o objetivo de disseminar conhecimento sobre alimentação saudável. Em 2016, o grupo de trabalho de “Alimentação e ambiente”, da iniciativa “Aveiro em Transição”, coordenou o evento, em Aveiro, em parceria com instituições locais portuguesas. Nas duas edições em que participou, a AeT propôs-se a dinamizar oficinas de *showcooking* para a confeção de refeições nutritivas e saudáveis, promovendo, por exemplo, o uso de açúcares naturalmente contidos nos alimentos e estimulando o interesse e a participação das crianças.

## OBJETIVOS E METODOLOGIA

Este capítulo apresenta parte dos dados e resultados obtidos na investigação “Ócio e ambiente: subjetividades e práticas na iniciativa comunitária Aveiro em Transição”, concluída em dezembro de 2018, no âmbito do Programa Doutoral em Estudos Culturais das Universidades de Aveiro e do Minho. O objetivo geral da investigação foi analisar o ócio enquanto prática de resistência e possibilidade de performance social e política, através da participação na iniciativa comunitária “Aveiro em Transição”. Para este capítulo, foi feito um recorte, no sentido de destacar os exemplos de práticas sustentáveis da iniciativa de Aveiro, bem como de discutir sobre como estas práticas produzem reflexões sobre as experiências dos participantes e seus modos de vida.

Para a investigação, realizou-se uma abordagem etnográfica que combinou as seguintes técnicas de recolha de dados: observação, observação participante (com criação de diários de campo) e entrevistas semi-estruturadas. No âmbito do estudo empírico, realizou-se uma análise temática, a partir do discurso do “Movimento de Transição”, bem como uma análise interpretativa sobre a experiência etnográfica. Relativamente a todas as informações fornecidas pelas entrevistas aos principais dinamizadores da “Aveiro em Transição”, utilizou-se a análise interpretativa fenomenológica (IPA) (Sanders, 1982; Smith, 2007; Smith & Osborn, 1999). Portanto, as conclusões apresentadas derivam desta aplicação metodológica e resumem algumas das reflexões propostas durante o trabalho de investigação.

## RESULTADOS A PARTIR DA INVESTIGAÇÃO

A partir da abordagem etnográfica realizada no período de fevereiro de 2013 a maio de 2016, conclui-se que os grupos “Ciclaveiro” e “Oficinas de partilha de saberes” são os que mais mobilizam as pessoas e desenvolvem práticas com o intuito de sugerir hábitos sustentáveis na vida quotidiana dos participantes. Os grupos “Famílias em transição Aveiro” e “Educação livre Aveiro” revelam o maior potencial para a produção de reflexões e autorreflexões, partilhas de experiências sobre, por exemplo, as relações familiares e os desejos de futuro para os filhos. Há a ênfase numa educação com base na solidariedade, liberdade, criatividade, consumo consciente e sustentabilidade. Os grupos “Alimentação e ambiente” e “Economia” orientam suas ações de maneira a estimular debates teóricos e, ao mesmo tempo, trazer exemplos práticos sobre possíveis práticas sustentáveis envolvendo alimentação e economia. A maioria das suas atividades refere-se

à aquisição de conhecimento, tais como ciclo de documentários, palestras com temas e abordagens práticas, por exemplo, “como criar uma rede de trocas?”. O grupo costuma fazer publicações nas redes sociais que apresentam conteúdos citados em referências de literatura relevantes para o tema.

Para o grupo “Famílias em transição Aveiro”, a relação entre alimentação e ambiente, por exemplo, é uma forma de motivar os filhos a criar interesse e consciência perante uma alimentação saudável e sustentável. A perspectiva defendida por este grupo assume a possibilidade de os filhos terem um contacto lúdico e criativo com os alimentos. A ideia é que este estímulo inicial possa preparar as crianças para que, cada vez mais, percebam as implicações sociais, económicas e ambientais envolvidas em todos os seus atos e decisões. Na visão do grupo “Famílias em transição Aveiro”, o exercício da parentalidade liga-se ao processo de consciencialização global e de construção de uma visão integradora diante dos contextos social, cultural e ambiental. Isto acaba por se refletir nas experiências individuais e nas experiências que os cidadãos têm no espaço comunitário. Acredita-se também na construção de hábitos de observação sobre os modos de vida mais simples, com menor consumo e mais tempo para a proximidade entre as pessoas. Foi possível compreender, através dos relatos dos dinamizadores da “Aveiro em Transição”, a convicção de que a sustentabilidade está diretamente relacionada à solidariedade. Ou seja, ser sustentável é também compreender a interdependência entre as pessoas e o ambiente e, portanto, a necessidade de pensar nas consequências das ações praticadas no âmbito coletivo, o que inclui também a percepção sobre o tempo no presente e futuro. A Figura 1 apresenta o cartaz de divulgação da 14ª edição do “Piquenique ternura”.



Figura 1: Cartaz da 14ª edição “Piquenique ternura”  
Fonte: <https://www.facebook.com/AveiroEmTransicao/photos/a.331954780267793/687582358038365>

Numa linha de pensamento voltada para a sustentabilidade ambiental e social, o grupo “Educação livre Aveiro” nasceu a partir de reflexões e discussões sobre um tema bastante recorrente nos eventos do grupo “Famílias em transição Aveiro”: educação alternativa. O tema da educação é tratado de forma a incorporar os valores da criatividade, solidariedade, sustentabilidade, inclusão social e autonomia no desenvolvimento dos processos de aprendizagem. Na Figura 2, apresenta-se o cartaz de divulgação do evento “Liberdade para aprender”, que contou com a comunicação do pedagogo português José Pacheco. Ele é um dos idealizadores da Escola da Ponte<sup>3</sup>, situada no concelho de Santo Tirso, Porto – uma instituição de ensino focalizada na humanização e autonomia dos alunos e no respeito pelas individualidades e diversidades.



Figura 2: Cartaz do evento “Liberdade para aprender”  
 Fonte: <https://www.facebook.com/events/1418610898402202/>

O grupo “Alimentação e ambiente”, além de realizar eventos orientados para a reflexão sobre o tema, desenvolve práticas de envolvimento/engajamento, principalmente de associações e projetos da comunidade. O grupo demonstra estar recetivo ao diálogo com projetos e iniciativas direcionadas, por exemplo, para a arte, solidariedade e criatividade. Nota-se também que procura articular-se, no sentido de perceber quais ações práticas podem ser realizadas no entorno ambiental, tal como acontece com as “Ajudadas de Aveiro”. As “ajudadas” constituem um esforço coletivo de

<sup>3</sup> Para obter mais informações sobre a Escola da Ponte, aceder a <http://www.escoladaponte.pt/novo/>

colaboração diante das necessidades locais. Isto acontece, por exemplo, devido à necessidade de preparar um terreno para o cultivo, de estimular a agricultura local e, por consequência, o consumo e o desenvolvimento de práticas sustentáveis, de maneira a contrariar o que se verifica na agricultura de grandes dimensões, em contextos mercadológicos capitalistas e globais. Na Figura 3, apresenta-se o cartaz de divulgação da tertúlia sobre alimentação e saúde. Na Figura 4, a imagem mostra um dos eventos “Ajudadas de Aveiro”.



Figura 3: Cartaz da tertúlia sobre saúde pela alimentação: transição alimentar  
 Fonte: <https://www.facebook.com/events/1060706910620493/>



Figura 4: Ajudadas de Aveiro – conhecer o Cabeço Santo  
 Fonte: <https://ecosanto.com/2015/12/02/conhecer-o-cabeco-santo-com-o-aveiro-em-transicao/>

O grupo “Oficinas de partilha de saberes” é o mais orientado para a prática e visa ampliar as competências com o intuito de aumentar a

autonomia nas práticas quotidianas de sustentabilidade ambiental, localização económica e bem-estar geral das pessoas da comunidade. O “Movimento de Transição” sugere que a localização económica pode ser uma forma de valorizar e priorizar os processos de produção e consumo de produtos e serviços desenvolvidos nas comunidades. “Ela é um reajuste abrangente e de maior alcance do foco económico, do global para o local, uma reconstrução local da economia que vai ao encontro das necessidades das comunidades” (Hopkins, 2011, p. 51). No contexto do “Movimento de Transição”, há o estímulo da movimentação económica local, e isto está diretamente ligado às práticas sustentáveis ao nível do território (condições e recursos locais) e do ambiente (meio físico e social). A Figura 5 refere-se ao cartaz de divulgação da oficina sobre fermentação caseira de alimentos.



Figura 5: Cartaz das oficinas de partilha de saberes – fermentação de vegetais  
 Fonte: <https://www.facebook.com/AveiroEmTransicao/photos/a.331954780267793/641140146015920>

O grupo “Economia – AeT” direciona-se para processos de viabilização da localização económica. Propõe, em primeiro lugar, produzir conhecimento e reflexão com o objetivo de contribuir para a formação da comunidade sobre a relação entre ambiente e economia. Em segundo lugar, aposta em ações para o desenvolvimento de uma rede de trocas. Esta rede procura estimular a produção e consumo de produtos e serviços locais entre as pessoas da comunidade de Aveiro. Na Figura 6, o cartaz de divulgação da tertúlia onde se refletiu sobre como implantar hábitos de trocas de produtos e serviços no âmbito comunitário.



Figura 6: Cartaz da tertúlia “Viver à troca, será possível?”  
 Fonte: <https://www.facebook.com/AveiroEmTransicao/photos/a.331954780267793/384137675049503>

O grupo “Ciclaveiro” é focado nas questões da mobilidade urbana sustentável, principalmente no uso da bicicleta. O grupo procura comunicar intensivamente os seus propósitos, seja através das ações práticas e reflexivas voltadas para a comunidade, seja pela articulação com empresas, associações e instituições políticas locais. Atualmente, a “Ciclaveiro” tornou-se numa associação e procura manter o diálogo com a Universidade de Aveiro e diversos projetos nacionais e internacionais. A Figura 7 é o cartaz de divulgação do evento que reuniu famílias e crianças para um passeio de bicicletas.

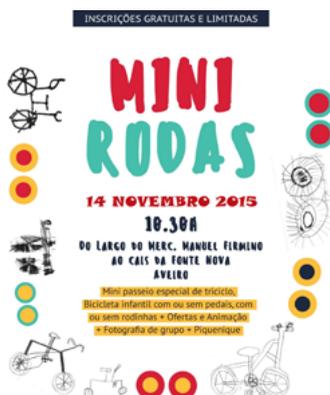


Figura 7: Cartaz do evento “Mini rodas”  
 Fonte: [http://ciclaveiro.pt/minirodas\\_2015](http://ciclaveiro.pt/minirodas_2015)

Ao identificar e refletir sobre as práticas sustentáveis de “Aveiro em Transição” é também possível inferir que elas são fundamentais na transformação ou adaptação de um modo de vida pessoal e comunitário mais orientado para um tempo de reflexão e de ação mais consciente do mundo em que vivemos. Entende-se, também, que o tempo para a reflexão pode significar tão somente uma pequena pausa para pensar e avaliar o que faz sentido para si e para as outras pessoas. Pode, ainda, significar uma tentativa de contrariar um modo de vida mecânico, pautado pela vida acelerada, consumo excessivo e, possivelmente, pela ansiedade.

Neste sentido, é possível pensar sobre a relação entre ócio e ambiente. Segundo Cuenca Cabeza (2010), a aplicação da sustentabilidade ambiental às atividades ligadas ao ócio apresenta uma nova concepção de tempo. Deste ponto de vista, o ócio contempla, não apenas uma vivência do presente, mas, também, uma projeção do futuro e um resgate do passado. Entende-se que a conjugação desta noção de tempo representa modos de vida mais reflexivos, no sentido referido por Novaes (2012). O desenvolvimento de um pensamento crítico revela-se como um aspeto reflexivo na relação do indivíduo com seu meio (físico e social), o que, de acordo com Cuenca Cabeza (2000), é fundamental para a dimensão ambiental do ócio.

Ao pensar no diálogo entre sustentabilidade e um contexto favorável ao ócio, é importante lembrar que o ócio é uma prática contextual que depende do tempo histórico, das circunstâncias locais e outras características sociais vivenciadas pelos indivíduos e grupos (Trigo, 2001). Sendo assim, os desafios locais das comunidades, incluindo as perspectivas ambientais atuais e futuras, podem influenciar as formas de elaboração e de usufruto do ócio. Para Borja i Sebastià (2001), o espaço público é um desafio global da política urbana e também um desafio cultural enfrentado pelas cidades e pelos seus cidadãos. Dentro deste âmbito cultural, em que ocorre a produção de modos de vida e de atividades criativas e solidárias, “Aveiro em Transição” procura desenvolver as suas práticas através da perspectiva da relação sustentável do indivíduo no contexto ambiental comunitário. Algumas destas práticas assumem a reflexão como um exercício ou um pré-requisito em favor, por exemplo, da promoção da consciência em relação ao uso da bicicleta e de transportes mais sustentáveis e à promoção da consciencialização das crianças e jovens sobre práticas quotidianas sustentáveis. Ao adotar uma noção de tempo propícia à reflexão, os dinamizadores da “Aveiro em Transição” poderão formar uma visão sobre o que já foi feito até ao momento e o que pode ainda ser feito no âmbito das suas práticas quotidianas e das práticas a serem realizadas em prol da sua

comunidade. Esta noção de tempo, associada a esta visão do passado e do futuro, poderá contribuir para a criação de práticas sustentáveis mais eficazes e pertinentes para as questões ambientais a que a iniciativa pretende fazer frente. É possível inferir que os exercícios reflexivos comuns nessas práticas, e que foram percebidos pelos relatos dos seus principais dinamizadores, desenvolvem-se num campo em que agem forças contrárias.

É fundamental pensarmos sobre as restrições ou desafios que podem contestar esta visão sobre o tempo, o teor de reflexão e de desenvolvimento de consciência ambiental. É possível identificar essas forças contrárias a vários níveis. Existem questões ligadas à atuação das instituições políticas, relativas às condições económicas, legais, fiscais e às ações que, enquanto exercem uma função político-administrativa, dificultam que se possa agir com consciência ambiental, mesmo após exercícios de reflexão. Por exemplo: a produção e consumo de alimentação biológica e local e de roupas e produtos que não utilizam combustíveis fósseis como matéria-prima são ainda condicionados por altos custos e impostos ou, até mesmo, pelos custos associados à certificação como produtor biológico e à mão-de-obra. Entende-se também que o exercício da reflexão não garante necessariamente a promoção de uma consciência ambiental comunitária em relação ao uso da bicicleta ou à promoção da consciencialização dos filhos sobre práticas sustentáveis, para citar alguns exemplos de práticas da “Aveiro em Transição”. A forma como o sistema económico orienta as políticas de produção e de consumo de produtos e de serviços, e o marketing aplicado pelas indústrias de uma forma geral, não invalidam o potencial de ação do sujeito social, mas dificultam a construção de modos de vida ambientalmente equilibrados.

As práticas sustentáveis podem ser contrariadas também pelo exercício de poder dos discursos hegemónicos e pelas estruturas sociais propostas pelo sistema capitalista, já que se pode constatar uma tendência opressiva nos modos de produção, no trabalho e noutras práticas culturais e sociais (Henriques, Hollway, Urwin, Venn & Walkerdine, 1998). Encontramos evidências destas forças contrárias sobre as práticas de reflexão e consciência ambiental nos relatos dos dinamizadores da “Aveiro em Transição”. De uma forma geral, foi possível perceber a dificuldade em conciliar estabilidade financeira, interesses pessoais e crenças no que possam constituir práticas sustentáveis e solidárias. A ideia da divisão objetiva do tempo – entre trabalho e não trabalho – parece ser um contrassenso para o tipo de visão que alguns dinamizadores têm sobre o modo de vida que pretendem. Ainda assim, alguns deles optaram por adaptar os princípios

do “Movimento de Transição” a um projeto de trabalho com a expectativa de poder fazer mais e ter resultados concretos, em termos do processo local ou global de buscar soluções para os desafios ambientais. Estreitar a relação entre a participação na iniciativa e o desenvolvimento de atividades remuneradas pode ser considerada, também, como uma possibilidade de agir e de concretizar, mesmo em condições não totalmente ideais, em prol daquilo que acreditam ser o melhor para o ambiente, para si e para o entorno comunitário. Outros dinamizadores procuram mudar ou adaptar o seu modo de vida em função das suas crenças sobre trabalho, tempo, ambiente e práticas sociais/culturais. As dificuldades de gestão do tempo, tanto em relação às atividades que envolvem a participação na iniciativa, quanto às demais atividades com as quais se envolvem, são indicativos das tensões de se viver seguindo modos de vida que possibilitem a reflexão e procurem desenvolver o equilíbrio ambiental.

Foi possível notar uma certa dificuldade, por parte de alguns dinamizadores, em equilibrar as atividades que querem fazer com o seu tempo disponível. Um dos dinamizadores questionou, por exemplo, a fraca flexibilidade do tempo, em contexto laboral, e a quantidade de tempo livre dos trabalhadores, em geral. Argumentou que, no total de 365 dias do ano, só é possível ter 30 dias de férias, ou seja, 22 dias úteis (mais fins de semana) em que as pessoas podem decidir livremente o que querem fazer e em que momento. Convém referir que existem transformações culturais orientadas para esta flexibilidade dos usos do tempo, o que acontece, por exemplo, com empresas em que os profissionais são remunerados a partir da sua produção, independente do local em que estão e das horas trabalhadas. Contudo, a realidade mostra um predomínio dos padrões estandardizados por parte de empresas, especialmente indústrias, focadas excessivamente na produtividade e lucro em detrimento da qualidade da produção e bem-estar dos profissionais envolvidos. Infere-se ainda pelos relatos dos dinamizadores, que há uma crença de que as mudanças em relação ao trabalho, produção e consumo de alimentos na vida quotidiana, perspectiva de educação dos filhos, opções de lazer e de não atividades, no sentido da fruição e do ócio, podem afetar tanto as práticas individuais, quanto as ações realizadas em âmbito comunitário. Os dinamizadores consideram que as práticas desenvolvidas através da iniciativa “Aveiro em Transição” contribuem, numa escala micro, para uma construção macro referente à busca pelo equilíbrio ambiental a partir dos modos de vida.

De forma global, entende-se que a atuação do “Movimento de Transição” se focaliza no modo de comunicar entre as instâncias locais e globais,

principalmente através da localização económica e da consequente criação de sinergias comunitárias, tais como parcerias entre projetos e envolvimento de comércio e associações locais. Entende-se, assim, que estas sinergias valorizam uma abordagem de desenvolvimento sustentável orientado para a comunidade, no sentido referido por Fien e Tilbury (2002).

Além disso, a forma como “Aveiro em Transição” concebe a relação entre sustentabilidade e solidariedade, e a faz presente nas suas práticas, pode fortalecer o senso de comunidade, principalmente no que se refere à coesão entre as pessoas. Isto reflete-se com clareza nas necessidades mútuas a serem satisfeitas e nos laços emocionais partilhados no meio local (McMillan & Chavis, 1986). Conforme Chavis e Wandersman (1990), o desenvolvimento do senso de comunidade estimula a reflexão e o questionamento sobre a realidade, assim como a implantação de ações com base na perceção do ambiente, na natureza das relações sociais e na ideia de controle e empoderamento por parte dos cidadãos. Por se tratar de uma abordagem holística, preocupada com o equilíbrio ambiental, em termos de manutenção de recursos naturais, e com o equilíbrio das experiências humanas vividas nos processos comunitários (Chavis & Wandersman, 1990), o senso de comunidade reflete-se diretamente na forma como os participantes de determinadas iniciativas constroem os seus modos de vida e suas identidades.

Como exemplos de práticas da “Aveiro em Transição” que podem estimular o senso de comunidade, estão:

1. os fluxos de ensino e aprendizagem de conhecimentos através das “Oficinas de partilha de saberes”;
2. as práticas de reflexão e suporte prático e emocional através do “Famílias em transição Aveiro”;
3. a valorização da produção local e sazonal de alimentos possibilitados pela celebração dos jantares sazonais e pela rede de trocas locais promovidos pelos grupos “Alimentação e ambiente” e “Economia”;
4. o projeto de mobilidade sustentável “Ciclaveiro” que procura promover a consciência do uso da bicicleta através do senso de comunidade e solidariedade; e
5. as reflexões em torno de formas mais afetivas, criativas e solidárias de educação a partir de projetos comunitários como a comunidade de aprendizagem de Vagos, fruto do grupo “Educação livre Aveiro”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, acredita-se que “Aveiro em Transição”, assim como outras iniciativas locais ligadas ao movimento internacional de Transição espalhadas em mais de 40 países, representam uma forma de mobilização que procura agir localmente para disseminar efeitos principalmente em relação à consciência e educação ambiental. Ao mesmo tempo, percebe-se o estímulo ao desenvolvimento de práticas quotidianas sustentáveis que venham preparar as pessoas para um futuro incerto e problemático referente às condições ambientais. Diante disto, entende-se a necessidade de reavaliar modos de vida alicerçados no sistema capitalista e, portanto, predominantemente marcados pelo excesso de consumo e por uma vida que raramente possibilita tempo para a reflexão sobre as subjetividades humanas e os impactos causados no meio ambiente.

## REFERÊNCIAS

- Borja i Sebastià, J. (2001). Hacer ciudad en la ciudad atual. El espacio público como oportunidad cultural y de ocio. In M. Csikszentmihalyi, M. Cuenca, C. Buarque & V. Trigo (Eds.), *Ocio e desarrollo: potencialidades del ocio para el desarrollo humano* (pp. 235-252). Bilbao: Universidad de Deusto. Retirado de [http://www.deusto-publicaciones.es/ud/openaccess/ocio/pdfs\\_ocio/ocio18.pdf](http://www.deusto-publicaciones.es/ud/openaccess/ocio/pdfs_ocio/ocio18.pdf)
- Chavis, D. & Wandersman, A. (1990). Sense of community in the urban environment: a catalyst for participation and community development. *American Journal Community Psychology*, 18(1), 55-81. <https://doi.org/10.1007/BF00922689>
- Cuenca Cabeza, M. (2000). *Ocio humanista dimensiones y manifestaciones actuales del ocio*. Bilbao: Instituto de Estudios de Ocio.
- Cuenca Cabeza, M. (2010). La apropiación espacial del ocio, una mirada desde el siglo XXI. In I. Lazcano & J. Doistua (Eds.), *Espacio y experiencia de ocio: consolidación, transformación y virtualidad* (pp. 15-52). Bilbao: Instituto de Estudios de Ocio.
- Fien, J. & Tilbury, D. (2002). The global challenge for sustainability. In D. Tilbury, R. Stevenson, J. Fien & D. Schreuder (Eds.), *Education and sustainability: responding to the global challenge* (pp. 1-12). Cambridge: Commission on Education and Communication.

- Haxeltine, A. & Seyfang, G. (2009). *Transitions for the people: theory and practice of “transition” and “resilience” in the UK’s Transition movement* (working paper 134). Reino Unido: Tyndall Centre for Climate Change Research. Retirado de [http://library.uniteddiversity.coop/Transition\\_Relocalisation\\_Resilience/Transition\\_Network/Transitions%20for%20the%20People.pdf](http://library.uniteddiversity.coop/Transition_Relocalisation_Resilience/Transition_Network/Transitions%20for%20the%20People.pdf)
- Heinberg, R. (2008). Prefácio. In R. Hopkins (Ed.), *The transition handbook: from oil dependency to local resilience* (pp. 8-10). Totnes: Green Books.
- Henriques, J., Hollway, W., Urwin, C., Venn, C. & Walkerdine, V. (1998). *Changing the subject: psychology, social regulation and subjectivity*. Londres: Routledge.
- Hopkins, R. & Lipman, P. (2009). *Who we are and what we do*. Totnes: Transition Network. Retirado de <https://www.transitionnetwork.org/sites/www.transitionnetwork.org/files/WhoWeAreAndWhatWeDo-lowres.pdf>
- Hopkins, R. (2011). *The transition companion: making your community more resilient in uncertain times*. Totnes: Green Books.
- Mason, K. & Whitehead, M. (2011). Transition urbanism and the contested politics of ethical place making. *Antipode*, 44(2), 493-516. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8330.2010.00868.x>
- McMillan, D. W. & Chavis, D. M. (1986). Sense of community: a definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14(1), 6-23. [https://doi.org/10.1002/1520-6629\(198601\)14:1<6::AID-JCOP2290140103>3.0.CO;2-I](https://doi.org/10.1002/1520-6629(198601)14:1<6::AID-JCOP2290140103>3.0.CO;2-I)
- Novaes, A. (2012). As aventuras de uma palavra maldita. In A. Novaes (Ed.), *Elogio à preguiça* (pp. 11-27). São Paulo: Edições SESCSP.
- Trigo, V. (2001). Contextos de ocio e desarrollo humano. In M Csikszentmihalyi; M. Cuenca; C. Buarque & V. Trigo (Eds.), *Ocio y desarrollo: potencialidades del ocio para el desarrollo humano* (pp.207-222). Bilbao: Universidad de Deusto. Retirado de [http://www.deusto-publicaciones.es/ud/openaccess/ocio/pdfs\\_ocio/ocio18.pdf](http://www.deusto-publicaciones.es/ud/openaccess/ocio/pdfs_ocio/ocio18.pdf)

Citação:

Vargas, T.(2020). Práticas sustentáveis no âmbito da iniciativa comunitária “Aveiro em Transição”. In E. Araújo, M. Silva & R. Ribeiro (Eds.), *Sustentabilidade e descarbonização: desafios práticos* (pp. 43-58). Braga: CECS.